

**CEDI****Povos Indígenas no Brasil**

Fonte:

*Jornal do Comércio*

Class.:

Data:

*04.04.90*

Pg.:

**Venezuela apoiará  
causa dos ianomâmis**

**CARACAS** — O antropólogo norte-americano, Napoleon Chagnon, e o ex-ministro venezuelano da Juventude, Charles Brewer Carías, denunciaram “a morte de cerca de 600 índios yanomamis nas mãos de garimpeiros brasileiros”.

Napoleon Chagnon e o ex-ministro explicaram ao presidente venezuelano, Andres Peres, que a invasão dos garimpeiros coloca em perigo as tribos yanomamis localizadas na fronteira com o Brasil. O presidente da Venezuela se comprometeu em apoiar a causa indígena.

O antropólogo norte-americano, que há mais de 20 anos estuda os índios yanomamis dos territórios venezuelano e brasileiro, declarou que cerca de 600 indígenas já foram mortos por garimpeiros do Brasil. O antropólogo disse que o número ainda é inexato porque o Governo do Brasil não permite sua entrada nas reservas. De acordo com o norte-americano, as consequências são “imprevisíveis”.

“Doenças como sífilis e hepatite e a violência sexual são o preço da aculturação quase satânica que os índios têm sido obrigados a suportar”, disse.

Para Chagnon, os maiores perigos enfrentados pelos yanomamis — uma das pouquíssimas etnias que se conser-

va “geneticamente pura” são a invasão de suas terras pelos garimpeiros e a estratégia militar posta em prática pelo Brasil, conhecida como Projeto Calha Norte, que possivelmente será revisto pelo Presidente Fernando Collor de Mello.

O Calha Norte, um projeto militar, teve alguns dos objetivos anunciados em 1986, mas existe muito pouco material sobre o assunto. Trata-se de um plano do qual fazia parte a construção de fortalezas para defender a Zona Norte da Bacia Amazônica da presença estrangeira, explica o antropólogo.

“A intenção: combater ideologias. Interromper, cortar, impedir ‘exotismos’”, acrescentou.

Os garimpeiros foram vistos pela primeira vez na Venezuela há um ano, quando cerca de 3.500 deles invadiram a região selvagem do Sul do País. Eles foram expulsos em maio de 1989, depois de ter contaminado com mercúrio as cabeceiras do Rio Orinoco e devastado centenas de hectares de terras.

Os que foram em busca de ouro voltaram depois em diversos grupos e os governos da Venezuela e do Brasil se comprometeram no início do ano a atuar em conjunto na vigilância das fronteiras, através de uma presença maior dos militares.